



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
ISSN 2525-3441

LEITURA NO COTIDIANO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

READING IN THE DAILY LIFE OF CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

Keyla Rosa de Faria

<https://orcid.org/0000-0002-7446-0224>

Mychelle Walleska Lisboa Lemes

<https://orcid.org/0000-0003-3614-4092>

Suely Henrique de Aquino Gomes

<https://orcid.org/0000-0002-5711-483X>

Resumo: Analisa a participação da família ou responsáveis no desenvolvimento da capacidade leitora de crianças com síndrome de Down, na faixa etária dos 5 aos 11 anos de idade. Essas crianças estão cursando do segundo ao quinto ano do ensino fundamental. As pessoas com síndrome de Down possuem déficit cognitivo e, conseqüentemente, raciocínio mais lento. É esse posicionamento que nos faz reeditar a questão problema proposto por Souza, em 2017 - "A ausência de trabalhos sobre síndrome de Down que discutam as questões de letramento nos faz refletir: até que ponto se tem considerado a constituição da pessoa com síndrome de Down enquanto leitor?". Mais especificamente, qual a participação da família ou responsáveis por essas crianças na formação delas como leitoras? Essa é a pergunta que trazemos para o contexto da cidade de Goiânia, para os usuários da biblioteca da Associação de Síndrome de Down. A pesquisa é exploratória, com abordagem qualitativa. Como instrumento de coleta de dados, utilizaram-se questionários enviados a seis mães e pais ou responsáveis pelas crianças que frequentam e/ou fazem atividades na Biblioteca AsDown. Os resultados revelam famílias que incentivam seus filhos no processo de aquisição da leitura desde bebê. Apesar das dificuldades presentes na aquisição da linguagem e a limitação cognitiva, os responsáveis acreditam que investir na leitura auxilia seus filhos na convivência em sociedade e na compreensão do mundo ao seu redor. Conclui-se que a criança com SD, na perspectiva de seus responsáveis, pode se constituir leitora a partir do seu entendimento, e da capacidade criativa de imaginar um enredo para determinadas imagens expressas nas páginas do livro.

Palavras-chave: Trissomia 21. Leitura. Família-leitura.

Abstract: It analyzes the participation of the family or guardians in the development of the reading capacity of children with Down syndrome, aged between 5 and 11 years old. These children are attending the second to fifth year of elementary school. People with Down syndrome have cognitive impairment and, consequently, slower reasoning. It is this position that makes us re-edit the problem question proposed by Souza, in 2017 - "The absence of works on Down syndrome that discuss literacy issues makes us reflect: to what extent has the constitution of the person with Down syndrome been considered as a reader? More specifically, what is the participation of the family or those responsible for these children in training them as readers? This is the question we bring to the context of the city of Goiânia, for users of the Down Syndrome Association library. The research is exploratory, with a qualitative approach. As a data collection instrument, questionnaires sent to six mothers and fathers or guardians of children who attend and/or perform activities at the AsDown Library were used. The results reveal families that encourage their children in the process of acquiring reading since they were babies. Despite the difficulties present in language acquisition and cognitive limitations, those responsible believe that investing in reading helps their children to live in society and understand the world around them. It is concluded that the child with DS, from the perspective of those responsible for them, can become a reader based on their understanding, and the creative ability to imagine a plot for certain images expressed on the pages of the book.

Keywords: Trisomy 21. Reading. Family-reading.

INTRODUÇÃO



A família e a escola são fontes importantes de incentivo à leitura. A parceria entre essas duas instituições faz com que a introdução da leitura na vida das crianças possa se dar como algo natural e prazeroso. A parceria entre essas duas instituições (família e escola) cria um vínculo duradouro da criança com a leitura. Mas por que formar leitores é importante?

É consenso entre educadores, bibliotecários e autoridades no assunto que a leitura é fundamental para o exercício crítico da cidadania, “na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles” (BRITO, 2010, p. 1-2). Além disso, estudos sobre o tema indicam associações entre proficiência leitora e desempenho acadêmico, ou seja, aqueles estudantes que têm baixa proficiência leitora no primeiro ciclo da educação fundamental “possuem maiores chances de repetir o baixo desempenho ao longo de sua trajetória educacional, em todas as áreas do conhecimento” (BRASIL, 2023, p. 12).

406

Entretanto, o Brasil tem um índice baixo de leitores. Segundo o resultado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, entre os anos de 2015 e 2019, o país viu o seu número de leitores cair de 104,7 milhões – número registrado no relatório de 2015- para 100,1 milhões no levantamento de 2019, uma queda de 4,6 milhões de leitores. Ainda segundo a última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), 48% da população brasileira acima de 5 anos não haviam lido nenhum livro nos últimos três meses¹ – esse percentual equivale a aproximadamente 100 milhões de pessoas (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, 2020). De forma alentadora, a apuração sobre a leitura no nosso país mostrou que a maioria dos entrevistados que lê o faz por prazer, sendo que os índices mais altos estão entre as pessoas de 5 a 17 anos de idade.

1 Cabe esclarecer que, na referida pesquisa, foram considerados leitores somente aquelas pessoas que leram ao menos um livro nos últimos 3 meses. Chamamos atenção para o fato de a pesquisa atrelar o leitor à leitura de livros, desconsiderando outros tipos de material e formatos de leituras.



Mesmo diante de alguns pontos de luz aqui e acolá nesse território, a realidade educacional e econômica do país se impõe. Em 2019, o Brasil ficou na 57ª posição no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), no quesito leitura (BRASIL, 2019). Recentemente, na avaliação da capacidade de leitura e compreensão de textos de alunos do 4º ano do ensino fundamental apresentada no quinto ciclo do PIRLS2- ano de 2021, dentre 57 países o Brasil ficou à frente somente de 5 deles: Irã, Jordânia, Egito, Marrocos e África do Sul. A pontuação média dos estudantes brasileiros participantes da avaliação foi 419, o que coloca o país no “Nível Baixo da escala pedagógica de proficiência do PIRLS” (BRASIL, 2023, p. 8). Isso implica reconhecer que 64% dos estudantes brasileiros que participaram da avaliação não dominam ou só dominam as habilidades mais básicas de leitura, segundo os critérios do PIRLS.

O nível socioeconômico (NSE), os “recursos de aprendizagem em casa”³ (RAC) e distribuição sociodemográfica (raça/cor e sexo) são importantes variáveis levantadas pelo PIRLS 2021 que possibilitam a medição da (in)equidade na educação. De forma nada surpreendente, o Brasil se destaca por suas profundas desigualdades na disponibilização de RACs, reflexo do baixo nível socioeconômico de sua população e ausência, escassez ou falta de investimentos em seus equipamentos culturais, como, por exemplo, bibliotecas públicas e escolares. Considerando-se os aspectos socioeconômicos no Brasil, “a distribuição dos estudantes nas categorias ‘Alto NSE’, ‘Médio NSE’ e ‘Baixo NSE’ foi de, respectivamente, 5%, 31% e 64%. A diferença no desempenho médio em compreensão leitora entre os estudantes com ‘Alto NSE’ e ‘Baixo NSE’ no Brasil foi de 156 pontos”. Em outros países essa diferença fica nos 86 pontos, em média (BRASIL, 2023, p. 11).

No que diz respeito ao sexo, também os resultados não causam estranheza: as meninas apresentaram um desempenho em compreensão

2 PIRLS - Progress in International Reading Literacy Study.

3 Este “expande a concepção tradicional do status socioeconômico, na medida em que inclui recursos existentes nos domicílios dos estudantes que possam promover o seu aprendizado, como, por exemplo, a disponibilidade de livros, livros infantis e materiais de estudo” (BRASIL, 2023, p. 10).



de leitura significativamente superior (431 pontos) àquele dos meninos (408 pontos). A avaliação por raça/cor - novamente sem nenhuma novidade - mostra que “Os estudantes autodeclarados brancos e amarelos possuem um desempenho médio em compreensão leitora de 457 pontos, enquanto os estudantes pretos, pardos e indígenas possuem uma estimativa pontual média de 399 pontos.” (BRASIL, 2023, p. 10).

O panorama apresentado não é desconhecido. Mesmo que o Brasil tenha participado somente da última pesquisa do PIRLS, o PISA 2018, e muitos outros instrumentos avaliativos voltados para a leitura, já traziam diversos pontos que mereceriam atenção, caso quiséssemos reverter a situação esboçada. Um desses pontos merecedores de alguma intervenção, por exemplo, é a relação que se estabelece entre qualidade da educação a qual o aluno tem acesso e suas condições socioeconômicas. O PISA 2018 deslinda que “os 10% dos estudantes mais favorecidos socioeconomicamente superaram os 10% dos estudantes mais desfavorecidos em leitura em 141 pontos, em média nos países da OCDE⁴” (SCHLEICHER, 2023 p. 5) Esta situação é responsável por acrescer, analisa Schleicher, mais de “três anos de escolaridade nos países que foram capazes de estimar o progresso da aprendizagem em todas as séries escolares” (SCHLEICHER, 2023 p. 5). De acordo com o autor os indicadores desses países permaneceram inalterados ao longo da última década.

Apesar de tantos relatórios e de algumas políticas voltadas para a inclusão e de muito se falar sobre a importância da leitura, pouco se sabe sobre a capacidade leitora de crianças com Síndrome de Down (SD). De acordo com Feistauer (2014, p. 56), “A habilidade leitora, como em qualquer criança, inicia-se na alfabetização e vai progredindo ao longo da escolarização. Como o desenvolvimento das pessoas com Síndrome de Down é mais lento, a aquisição da leitura e da escrita também ocorrem de forma mais lenta”.

4 Tradução livre para “the 10% most socioeconomically advantaged students outperformed their 10% most disadvantaged counterparts in reading by 141 score points, on average across OECD countries.”



Mesmo que seja um processo mais vagaroso, isso não implica afirmar a impossibilidade de pessoas com SD se tornarem leitoras. É esse posicionamento que nos faz reeditar a questão problema proposto por Souza, em 2017. Instiga a autora: “A ausência de trabalhos sobre SD que discutam as questões de letramento nos faz refletir: até que ponto se tem considerado a constituição da pessoa com SD enquanto leitor?” Essa é a pergunta que trazemos para o contexto da cidade de Goiânia, ou de forma mais pontual, para familiares de usuários da biblioteca da Associação Down de Goiás, localizada naquela cidade. O que se quer levantar é o envolvimento da família na formação leitora de frequentadores da biblioteca.

Para responder ao questionamento foi realizada uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa. Utilizamos como instrumento de coleta de dados questionários, enviado a mães e pais responsáveis pelas crianças que frequentam e/ou fazem atividades na Biblioteca AsDown, localizada na Associação Down de Goiás, aqui denominada de AsDown Goiás ou AsDown. Os familiares envolvidos na pesquisa têm crianças que estão cursando do segundo ao quinto ano do ensino fundamental.

Estudar a prática de leitura é importante para salientar como o incentivo dentro de casa é valioso no processo de formação de leitores. Estudar essa prática com as crianças com síndrome de Down torna-se interessante para mostrar que essas crianças podem desenvolver a capacidade de leitura, precisando para tanto do incentivo das famílias e dos locais que frequentam.

2 PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN

O ser humano é criado pela junção de duas células que se tornam uma única célula, por meio da qual começa a se desenvolver, até se tornar um ser multicelular com órgãos e tecidos. Este é um processo extremamente delicado e arriscado onde ocasionalmente podem ocorrer falhas, sendo a malformação uma dessas. Segundo a explicação de Dalla-Déa e Duarte (2009, p. 23), “durante a divisão celular, podem ocorrer alguns erros cromossômicos e a mãe pode gerar um bebê com algum tipo de malformação”. É o que ocorre na formação da pessoa com SD.



Na célula humana existem 46 cromossomos, os quais se dividem em 23 pares. A criança com síndrome de Down possui 47 cromossomos, sendo essa alteração no cromossomo 21, o qual contém três cromossomos, por isso é conhecida como a Trissomia do Cromossomo 21 (T21). Os cientistas não apresentam um motivo específico para esse tipo de acidente genético, entretanto o cromossomo 21 é a mais causa alterações no desenvolvimento da criança. (DALLA-DÉA; DUARTE, 2009).

As disfunções no organismo da criança podem ser por cardiopatias congênitas, sistemas respiratório, visual, auditiva, sistema digestório, endocrinológica, neurológicas e ortodônticas, hipotonia muscular, déficit motor e déficit intelectual. Percebe-se que essa pessoa precisará de estímulos e acompanhamentos clínicos frequentes nos primeiros anos de vida, para que consiga se desenvolver na sua linguagem, na sua locomoção, na forma de pensar, refletir e se comunicar com o meio em que vive e a sociedade.

A chegada de uma criança é sempre um momento único na família e os pais desejam o seu bebê com saúde, e cresça para ser um adulto feliz e realizado. Então, a notícia de que seu filho tem síndrome de Down pode gerar choque, e desestabilizar toda a família. Este choque pode ser chamado de fase de “luto”. Segundo Faria (2017, p. 20) “Aqui a palavra luto tem uma conotação diferente, pois não se refere à morte no seu sentido literal, mas se refere à morte dos sonhos, perspectivas, desejos e planos elaborados durante todo o período gestacional para a criança tão esperada”.

Para que a pessoa com SD possa ter a melhores oportunidades na sua vida, e assim, desenvolver e aplicar a sua capacidade, mesmo com as limitações, é de suma importância o apoio da família, e principalmente que a família promova a autonomia dessa criança para que se torne um jovem e adulto consciente da sua atuação em sociedade. O tratamento clínico tem as suas especificidades no acompanhamento fisiológico, e possui a sua relevância no construto de um indivíduo saudável. Porém, a convivência com outras crianças com e sem deficiência propiciará a criança com SD interações humanas que a estimulará de forma natural a sua oralidade e a sua motricidade.



O diálogo, as brincadeiras são ferramentas que devem estar presentes no cotidiano da criança com SD. A repetição é necessária, assim como os sons, os brinquedos, os carinhos e as formas geométricas, entre outros. A forma de estímulo que esta pesquisa busca elucidar é a leitura e a sua importância no desenvolvimento da criança com SD, para que essa vivencie o convívio com as pessoas ao seu redor e consiga compartilhar suas experiências de leituras e de mundo.

No Brasil os dados estatísticos dizem que “essa alteração genética acomete uma em cada 700 crianças nascidas vivas [...] cerca de 300 mil pessoas têm síndrome de Down no país” (AGÊNCIA BRASIL, 2022, n./p.). Esses números evidenciam o quanto é preciso investir em pesquisas sobre SD, e como contribuir no processo de aquisição de leitura por parte dessas crianças. Atualmente, as pessoas com SD não vivem mais isoladas em suas casas, escondidas do mundo. Elas estão nas escolas, no mundo do trabalho, no esporte e tem conquistado cada dia mais o seu espaço na sociedade.

411

Houve muitos avanços no que se refere à Educação, desde a década de 1970, quando iniciou o movimento de luta das pessoas com deficiência, contra o preconceito e a busca por garantia de direitos, até os dias atuais. No ano de 2015, foi sancionada a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, que tem por finalidade “assegurar e [...] promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015, n./p.)

Há outros marcos legais que antecedem a LBI, tais como: a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência /ONU (2009), possuem sua relevância na conquista de direitos ao longo da caminhada dessas pessoas, mas a LBI é o instrumento representativo dessas pessoas, tanto que ela também é conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, ou seja, há um público específico para quem essa lei foi elaborada. Diante do que foi apresentado que essa pesquisa busca compreender no âmbito da Educação

Inclusiva, como tornar essa prática de leitura algo acessível ao cotidiano das crianças com SD.



LEITURA

Ao falar sobre a prática de leitura, torna-se necessário descrever os diferentes tipos de leitura que existem. Normalmente, quando se pensa o que é a leitura, vem à mente o ato mecânico de decodificar signos, entretanto, ler é atribuir um sentido ao texto, sendo apresentado de uma forma verbal ou não, pois a produção de sentidos é construída na interação do leitor com o texto/autor (SILVA; BERNARDINO; NOGUEIRA, 2012).

A história da leitura no Brasil ainda é um tema pouco pesquisado. O que mais se pesquisa é a história do livro no decorrer da história brasileira. Inicia-se com a chegada dos jesuítas, e passa pela vinda da família real em 1808 e as primeiras editoras fundadas no Brasil, até os dias atuais. Uma das principais publicações realizadas pela Imprensa Régia era a de livros didáticos para as universidades que no Brasil foram sendo instaladas logo depois da chegada de D. João, em especial das universidades militares. Lajolo e Zilberman (2009, p. 131) falam que “o fato é que essas escolas superiores motivaram a introdução, de maneira sistemática, do livro didático no Brasil. Configura-se, assim, o entrelaçamento do livro didático com a imprensa, responsável pela produção, a escola, local da formação, e a leitura, ato de consumo”.

Sendo assim, percebe-se que existe desde esta época uma ligação entre o livro, a leitura e a escola; uma ligação básica e necessária na criação de leitores. Foi com a chegada do D. João ao Brasil que começaram as mudanças na cultura brasileira que, conseqüentemente, ajudaria os primeiros passos rumo à estrutura da Literatura Infantil no Brasil, algo que só seria bem estruturado mais de um século depois. Oliveira (2007) relata que o governo de D. Pedro II auxiliou na disseminação da Literatura Infantil.

Falar sobre a leitura e a literatura infantil no Brasil pode ser complexo, pois, durante muito tempo a criança foi considerada apenas um adulto pequeno. Valdez (2003, p. 11) afirma que até o século XV a “infância não era separada da vida adulta. Crianças e adultos se misturavam em diferentes lugares. A idade que define a



infância no decorrer da história é bastante polêmica, porém muitos estudos apontam a idade máxima de 6 a 7 anos, fase em que a criança é considerada inocente”.

Fica evidente que durante algum tempo o interesse em criar livros adequados para crianças, era inexistente, já que havia uma predisposição de tornar a criança em adulto o quanto antes. As histórias voltadas às crianças existiam, mas como encantavam os adultos, a classificação de obras antigas como sendo livros infantis causa certa dúvida nos pesquisadores. Um exemplo disto é o conto de fadas, alguns autores acreditam que “conto de fadas e literatura infantil é frequentemente confundida e tronados sinônimos” (ZILBERMANN, 1979, p. 8 apud GÓES, 2010, p. 75). A Autora acredita que “o conto de fadas é apenas uma das formas da Literatura Infantil, cuja origem se confunde com a idade oral do mito” (GÓES, 2010, p. 75). As autoras utilizam neste capítulo a definição trazida por Góes, reforçado pelo pensamento de Oliveira (2007), que classifica esses contos populares que foram coletados e registrados durante boa parte do século XIX, como Literatura Infantil Clássica.

413

Contudo, algumas das primeiras obras voltadas propriamente para o público infantil, que circularam no Brasil, foram, de acordo com Zilberman (2016), os livros “Tesouro dos meninos”, do autor Pierre Louis Blanchard, e “Leitura para meninos”, sendo este publicado pela imprensa Régia. Ambas deveriam cumprir junta a finalidade educativa de apresentar histórias fictícias que deveriam ser contadas para as crianças. De acordo com Góes (2010, p. 45), “O contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmicos”. A Literatura Infantil busca, por muitas vezes, ensinar a criança elementos que ampliam o seu conhecimento sobre o mundo, algo que deveria ser usado no ensino, como já foi dito, crianças aprendem pela escuta e pelo visual, o livro infantil pode apresentar essas duas formas.

A autora afirma ainda que “é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos”. (GOÉS, 2010, p. 39). Muitos livros publicados no mercado editorial, que tem por foco a literatura infantil possuem figuras e imagens que permitem

inserir a criança no processo de leitura e no mundo da imaginação. E também, pode-se realizar leitura em voz alta, na hora do conto, ou uma roda de leitura, onde a família interage e compartilha as suas leituras.



De acordo com Garcêz (2019, n./p.), “A formação de leitores é um processo constante, que começa em casa, se aperfeiçoa na escola e continua por toda vida, fazendo-se necessário o contato desde a mais tenra idade com diversos gêneros textuais”. Ao vivenciar esses momentos em família a criança tende a imitar, e vai pedir para falar sobre um determinado livro, esse desejo deve ser alimentado, pois neste momento está se formando um leitor.

Visto que é “na família que tudo começa, é na família que se inicia o incentivo de uma relação íntima, afetiva, prazerosa entre a criança, a leitura, a literatura e o livro. As crianças solicitam e gostam que a família leia para elas. Estes momentos encerram, normalmente, uma grande afetividade”, e esses momentos de compartilhamento de sentimentos entre pais e filhos desperta as principais formas de leituras realizadas pelas crianças na fase inicial, que são a história oral e a leitura de imagens (BALÇA; AZEVEDO, 2021, p. 12-13).

414

Inicialmente, é a parte visual que cativa às crianças a manusear o livro, ou seja, se apropriar do objeto e a partir da leitura das imagens construir significados. “Na realidade as crianças, com este tipo de comportamentos estão a replicar o que veem os adultos fazer e vão-se apercebendo” (LOURENÇO, 2022, p. 43). Daí a importância dos responsáveis praticarem o hábito da leitura próximo aos seus filhos e filhas, pois a criança aprende no primeiro momento por imitação, e este comportamento dos adultos contribui na formação de futuros leitores.

Leitura e a criança com síndrome de Down

O intuito desta pesquisa se pauta em verificar o envolvimento da família na formação leitora da criança com SD. Para isto torna-se necessário entender quais são os métodos que podem ser utilizados para estimular essa criança a ler. Aqui se dá um destaque para o ensino-aprendizagem e

o estímulo parental que essas crianças recebem desde bebê. Todavia, “ainda há, na sociedade, preconceito em relação às



pessoas com SD, uma vez que muitas famílias, como também a escola, não encontram um sentido para a escolarização desses indivíduos, que apresentam o estigma de incapazes” (SILVA, 2017, p. 89). Esse pode ser um dos pontos que impedem a Educação Inclusiva de avançar e se tornar eficaz no ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência.

Esses posicionamentos podem ser evidenciados quando a família, o primeiro núcleo social que a criança vivencia ignora seu processo de aprendizagem e não investe nos estímulos necessários para que a prática de leitura aconteça eficazmente no cotidiano. Quando nasce uma criança sem deficiência, muitas famílias investem na educação deste novo integrante familiar e compram “livros de banheira, com figuras, com desenhos, ou então, a ler juntamente com as crianças, nas famílias que têm crianças com SD, tais práticas, muitas vezes, apresentam-se mais escassas pela preocupação direcionada as questões de saúde e de doença” (SILVA, 2017, p. 87). As questões clínicas de saúde têm relevância na prevenção de uma vida saudável das crianças com SD, porém ela necessita também do incentivo às práticas de leitura, para que venha a desenvolver o gosto pela leitura, pelo objeto livro, ou qualquer outro formato que lhe seja apresentado. Quando chegar o momento de ir para escola essa criança esteja com o cognitivo estimulado para absorver os novos conhecimentos que estão por vir.

Kotlinski e Kotlinski (2002), preocupados com o desenvolvimento da sua filha Maria, com SD, elaboraram uma técnica devido à falta de itens comercialmente disponível na época apropriada às suas necessidades. Com isso criaram a *Love and Learning*, o qual estabelece três conceitos básicos:

A concepção de que o desenvolvimento linguístico da criança começa logo depois do nascimento;

A concepção de que ensinar leitura para uma criança com Síndrome de Down ajuda no desenvolvimento linguístico deste;

A concepção do uso de novas tecnologias junto com o envolvimento parental (KOTLINSKI; KOTLINSKI, 2002, p. 6).

Verifica-se que, o estímulo ao desenvolvimento linguístico é logo após o nascimento, e a leitura e a família se constituem ferramentas de suma relevância neste



processo. Apesar de ainda vivenciarem o “luto”, nesta fase próxima ao nascimento, os responsáveis precisam compreender que este ser dependerá inicialmente muito deles, mas com o passar dos anos ele pode construir uma vida com autonomia, se for estimulado na infância. E a vivência nas práticas sociais de leitura faz com que a criança com SD exerça a sua cidadania como ser reflexivo e crítico, ou seja, terá condições de fazer as suas escolhas sem a interferência de outras pessoas.

Silva (2017) diz que para ser leitor,

uma condição primordial é que a pessoa com SD tenha vivência nas práticas sociais de leitura e de escrita. É necessário que se credite à pessoa com síndrome de Down um lugar comum a todos: o de leitor. Leitor de gibis, de whatsapp, de livros, de manuais de jogos, de receitas. Um lugar que tem sido buscado, aliás, por várias outras pessoas que não possuem síndromes e que não são consideradas leitoras na teoria, embora sejam na prática (SILVA, 2017, p. 181).

A leitura deve ser propiciada por vários formatos, e a criança deve escolher o que mais lhe agrada no momento em que escolheu para ler. Verifica-se também, na fala de Silva (2017) o posicionamento de Kotlinski e Kotlinski (2002) sobre a concepção de novas tecnologias que promovem a interação da leitura com a criança com SD, quanto ao uso do WhatsApp, uma vez que as crianças atualmente possuem acesso a essa ferramenta, e faz uso cotidiano dela. Além do YouTube que é uma rede social que possui inúmeros vídeos com contação de histórias, inclusive com recursos de acessibilidade de leitura fácil, ou seja, a linguagem é adaptada para crianças com Deficiência Intelectual. Sendo assim, uma possibilidade de estímulo no processo de aquisição de linguagem e de leitura.

Para a criança com SD as atividades que são propostas têm que ter significado. As nossas experiências no trabalho com crianças e jovens com SD nos fez compreender que elas se desenvolvem melhor quando compreendem, ou apreendem aquilo que está sendo apresentado como atividade, ou seja, se ainda não sou alfabetizado qual o sentido da escrita? Daí a importância de se trabalhar a história oral juntamente com o letramento, assim, a criança conseguirá apreender o significado da leitura e iniciará o processo de escrita.

416



Essa pesquisa se classifica como exploratória, com abordagem qualitativa. É exploratório porque “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.” (GIL, 2010, p.27).

Sobre a abordagem qualitativa, de acordo com Creswell (2010, p. 206), “Os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação”. Na análise dos dados coletados, utilizou-se a abordagem qualitativa pela subjetividade dos dados.

DO UNIVERSO DA PESQUISA

O objetivo da pesquisa é conhecer o envolvimento da família na formação leitora de crianças com Síndrome de Down e, com base na percepção da família, como a leitura afeta a interação da criança com o mundo ao seu redor. O público-alvo da pesquisa foram os responsáveis por crianças com síndrome de Down com idade de 5 a 11 anos que frequentam a Biblioteca AsDown.

Conforme dados coletados junto à Assistente Social da AsDown, atualmente a Associação atende cerca de 700 pessoas com Síndrome de Down, que frequentam e participam das atividades por ela promovidas. A AsDown Goiás não tem dados concretos sobre a faixa etária dos seus frequentadores. Entretanto, a Assistente Social estimou um quantitativo de 20 crianças, desta 700, que se encontram na faixa etária estipulada na presente pesquisa.

Os contatos dos responsáveis pelas 20 crianças foram repassados pela Assistente Social, o que viabilizou o envio de convites para participação na pesquisa. Do universo de 20, recebemos respostas positivas somente de seis responsáveis pelas crianças com faixa etária de 5 e 11 anos – o que corresponde a 30% do universo.

DO INSTRUMENTO

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário entregue na AsDown aos seis participantes



que se propuseram participar da pesquisa, as mães e pais responsáveis pelas crianças que frequentam e/ou fazem atividades na Biblioteca AsDown. O questionário foi estruturado com 42 questões divididas em 3 tópicos – 08 questões sobre “Dados dos responsáveis”, 13 questões sobre “Processo de leitura do responsável”, e 21 questões sobre “Processo de leitura da criança com SD”. Todos os participantes responderam à pesquisa.

O questionário procurou ressaltar os diferentes tipos de leitura praticada e como essa leitura afeta a forma como a criança interage com o mundo ao seu redor. Para isso foram elaboradas questões específicas relacionadas às crianças e a leitura, nomeada de “Processo de leitura da criança com Síndrome de Down”. O questionário também contava com uma questão que buscou saber se a criança possuía alguma habilidade em acessar e se comunicar nas redes sociais

Nas questões destinadas aos responsáveis o intuito foi verificar o nível de compreensão sobre o que é a leitura, e como se dá a interação da família com relação filho ou filha no estímulo a leitura.

As crianças, cujos responsáveis participaram da pesquisa, tinham idades entre 5 a 11 anos, sendo que duas estavam matriculadas em escolas particulares, e as outras quatro em escola pública. Com relação ao período que estavam cursando na escola: uma criança na educação infantil, duas no 2º ano, uma no 3º, uma no 4º ano, e uma no 5º ano do ensino fundamental.

Conforme supra citado, as questões foram divididas em 3 tópicos, e as análises dos dados neste artigo se pautam nas informações coletadas no tópico denominado “Processo de leitura da criança com síndrome de Down”, contidas nas questões 20 a 41, por conterem perguntas específicas sobre o objeto analisado. Todavia, somente as questões de 31 a 41 receberam análise descritiva, uma vez que, os questionamentos anteriores trazem dados informativos relacionados a identidade pessoal de cada criança, tais como: nome, idade, série escolar, dentre outros.

As informações coletadas sobre as famílias nos deram subsídios para refletir a respeito dos comportamentos familiares nos estímulos à prática de leitura no ambiente familiar. Sendo



assim, as questões de 1 a 19 não estão detalhadas nas análises são apenas fontes de informações.

BIBLIOTECA ASDOWN – LÓCUS DA PESQUISA

Na Associação Down está sendo implantada uma biblioteca de acesso institucional e comunitário. A Bibliotecária, responsável pela implantação permitiu a realização da pesquisa por meio do espaço de leitura, com as crianças que ali frequentam. Sendo assim, a bibliotecária entrou em contato com as 20 mães responsáveis e relatou sobre a pesquisa. Somente seis pessoas aceitaram participar da pesquisa, o que perfaz 30% do universo. A biblioteca é fruto do projeto de mestrado da Bibliotecária que atua como voluntária no espaço. O público que acessa a unidade de informação é formado por: crianças, jovens e adultos com SD, familiares das pessoas com SD (pai, mãe, irmãos, avós, tios/tias, etc.), profissionais que realizam atendimentos na Associação (fonoaudióloga, nutricionista, psicóloga, professora alfabetizadora), e comunidade que reside próximo – crianças e jovens.

419

O acervo é formado por algumas áreas específicas devido ao tipo de público que acessam os serviços, tais como: a literatura infantil e juvenil, literatura brasileira e estrangeira, livros com temáticas sobre direitos das pessoas com SD – Educação, trabalho, moradia, transporte, entre outros - educação física inclusiva, jogos e brincadeiras, livros dentro da temática da saúde – nutrição, fonoaudiologia e psicologia.

Os livros são uma pequena porção dos serviços oferecidos. Há outros tipos de serviços disponibilizados, tais como: oficinas de introdução à Libras, oficinas de contação de histórias, oficina de fotografia, projeto cidadania para autonomia (desenvolvido com jovens acima de 18 anos), oficinas de leitura, e recentemente está sendo desenvolvida a oficina de história oral. Essas ações acontecem as quintas e sábados no período da manhã e tarde. A biblioteca está com horário de atendimento restrito, pois o trabalho da bibliotecária é voluntário. Atualmente abre as terças e quintas-feiras no período da tarde das 13h às 17h e aos sábados de 8h às 12h. A biblioteca é para toda comunidade que faz parte da AsDown, porém quem mais se utiliza do espaço são as crianças. Elas gostam de

ir à biblioteca para conversar e depois pedem para contar histórias.



RESULTADOS E ANÁLISE

A primeira questão analisada foi sobre o uso de redes sociais por parte das crianças. Uma mãe respondeu que a criança não possui e nem acessa rede social. Houve 1 dos responsáveis que preferiu não responder à questão. E 4 mães, segundo a sua percepção, disseram que as crianças possuem habilidades para fazer *stories* e tirar fotos, para acessar o *Youtube* e assistir filmes.

Foi questionado também qual o contato das crianças com o livro e de que forma ocorria este contato. Diante disso, 5 participantes responderam que a criança tem contato com os livros, e 1 participante relatou que a criança não tem contato com o livro, e os comandos somente na escola, mas ela não interage – comandos aqui deve ser as instruções que a escola envia aos pais para realizarem nas tarefas de casa, porém a criança não interage. O acesso ao livro dentro de casa com cantinhos próprios foi relatado por 3 mães como nessas respostas: “*Sim, tem um cantinho para leitura com livros e material para desenhos*” (P4)⁵; “*Sim, em casa temos biblioteca e toda sexta-feira a escola dá um livro para a criança levar para casa*” (P2).

Uma forma de contato citada é realizar a leitura juntamente com a criança ou auxiliá-la na tarefa: “*Sim, leio os da bíblia infantil e histórias infantis*” (P6); “*Sim. Tento simular leitura e posterior aula explicando o conteúdo*” (P3); outra mãe respondeu sobre a forma como a leitura é feita: “*Sim, em casa, na escola, contato visual*” (P5).

O contato visual é a forma com a qual a criança mais expressa sua interação com o livro. As letras ainda podem ser de difícil compreensão, mas o olhar ajuda a entender o que está acontecendo. “É por isso, que nas

5 A sigla “P”, acompanhada de um número de 1 a 6, corresponde a forma representativa das famílias que participaram da pesquisa. Esse procedimento se faz necessário para manter o sigilo da identidade das e dos participantes, conforme as normativas do Comitê de Ética.



salas de aula, geralmente se encontram palavras associadas às imagens, pois a visão auxilia muito a criança a conhecer e estabelecer relações entre o que lemos e o que escrevemos” (PEREIRA, 2012, p. 61). Neste caso as imagens podem estimular a criança a entender a história, e/ou auxiliar a criança a criar uma história própria, que pode ser diferente da história relatada na parte escrita do livro.

Foi questionado sobre os livros mais procurados pelas crianças, o resultado mostrou que 2 se interessam por livros de histórias infantis, 1 por contos infantis, 1 por bíblia infantil, 1 por livros visuais e 1 por quadrinhos. Questionou-se o responsável se considerava a criança uma leitora ou um leitor. Os dados mostram que 3 dos participantes acreditam que a criança é uma leitora ou um leitor; 2 não consideram seus filhos leitores e 1 não soube responder à questão.

Ao juntar as respostas das questões foi possível verificar que metade dos participantes não acredita ou não sabem se seu filho/filha seja um leitor (a). Ao descrever a leitura realizada constata-se que a criança lê, porém tem a sua própria maneira de interpretar figuras e contar história a partir da sua imaginação. De acordo com Pereira (2012, p. 38) a criança com Síndrome de Down “na aprendizagem de determinadas tarefas, e como não dispõe de estruturas mentais para assinalá-las, ela aprende por imagens (concreto) e não pelos conceitos (abstrato)”, ou seja, as imagens fazem com que as crianças visualizem o fato em si, a concretude da expressão escrita, sendo uma ferramenta para os estímulos cognitivo e de linguagem.

Nesta questão, colocou-se em perspectiva o incentivo à leitura por parte do participante e como isto ocorre. A P3 respondeu que não incentivava o suficiente a criança, entretanto, complementou sua resposta ao dizer: “Quando faço é sentado ao lado e contando a estória, mas logo ela toma e faz sua própria leitura”. Isso mostra que a criança tem sua própria forma de leitura. Dos participantes que responderam 4 afirmaram que sim, incentivam e relataram com exemplos, as formas como ocorre o incentivo. Nos relatos, observa-se que a P2, evidencia o analfabetismo da criança, mas mostra que a leitura é incentivada pelas pessoas ao seu redor. É possível certificar-se do envolvimento da família no momento de leitura.

“Sim, através de histórias que ela já ouviu falar e assistiu na TV” (P6);

“Sim. Fizemos um cantinho da leitura onde ele tem **acesso** a livros e material de pintura, desenho...” (P4)

“Sim, com exemplo com o ato de ler, tendo **acesso** aos livros de casa” (P5).

“Sim, os colegas da escola sempre leem para ela, mesmo ela não sendo alfabetizada, eu sempre deixava ela ler seguindo as ilustrações dos livros e faço perguntas depois para ver se entendeu” (P2).



Ao elaborar essa questão, buscou-se pontuar a existência do hábito de leitura com a criança e como eram realizadas as leituras em família. A análise mostrou que 1 participante respondeu que não havia momentos de leitura em família com a criança. As outras 5 participantes responderam que há leitura familiar, e os participantes tentam criar o hábito de leitura com a criança. A P3 respondeu que *“Tento, mas como ela não lê e ainda não entendo o que ela diz, fica um processo confuso e difícil para mim”*. Neste caso há o incentivo, mas a mãe enfrenta algumas barreiras com a oralidade, as quais necessitam de intervenção dos profissionais da área de fonoaudiologia.

422

O que se ressalta aqui é a importância de se criar a prática de leitura e inserir isso no cotidiano da criança. Nos relatos, observa-se a elaboração de rotina, onde a criança tem o contato com a leitura diariamente, e em alguns casos essa prática acontece desde bebê. Este momento pode se tornar uma hora de diversão onde a criança expressa sua criatividade e demonstra sua forma de leitura – a criança brinca de ser professora com a mãe, e neste processo ela está sendo estimulada, tanto a leitura, como a compreender outros espaços e profissões existentes ao seu redor. Outro fato interessante é a leitura democrática, ou seja, não se limita à leitura de livros, e utiliza-se o espaço que a criança está inserida para estimular a leitura, como no caso de ler “cardápios”, conforme os seguintes relatos: *“Sim, deixo ela ser a **professora** e explicar o que leu (P2)”*; *“Sim. Geralmente somos só nos dois. Todos os dias por pelo menos meia hora” (P4)*; *“Sim, contando histórias, lendo **cardápios** levando a bíblia infantil para a missa, **desde bebê** conto estórias antes de dormir” (P5)*; *“Sim, **uma vez por semana** leio para ela e a irmã na parte da tarde” (P6).*

Foi solicitado às participantes para explicar com suas palavras, como a criança realizava a leitura por conta própria:



dos participantes, 2 responderam que a criança não sabia ler. *“Ele não fala então não ler ainda” (P1); “Ele não sabe ler ainda então sou eu que leio” (P6)*; 3 dos participantes responderam e descreveram a forma como a criança interpreta a história do livro sendo lido: *“pega o livro, aponta par a figura e finge estar dando aulas sobre o conteúdo” (P3); “Através de figuras ele dramatiza*

a cena vista” (P5); “Ela vê as gravuras e lê silenciosamente” (P2); dos participantes, 1 respondeu da seguinte forma: *“Ela ainda não sabe ler, mas através das figuras cria uma história e se imagina lendo” (P4)*. A partir desses relatos apurou-se que cada participante interpretou à sua maneira a leitura da criança, por meio do seu olhar sobre o que é leitura, e como esta deve ser realizada.

Os resultados aqui coletados mostram a importância do incentivo à leitura para que a criança com SD se desenvolva e compreenda melhor o mundo ao seu redor. Este estímulo deve ser desde os primeiros momentos de vida, para a eficácia e fluidez do processo, como lembra Silva (2017, p. 83) a *“criança com deficiência não faz distinção do reconhecimento de suas dificuldades, vai descobrindo-as à medida que começa a vivenciá-las”*. Sendo assim, a sua vivência com o livro e a leitura permitirá a interação com as imagens, a qual pode demonstrar como é a sua compreensão e percepção da história.

As crianças retratam aquilo que entendem. Bassani (2012, p. 6), informa que *“o desenvolvimento e o crescimento do sistema nervoso de uma criança com síndrome de Down são semelhantes ao de uma criança normal, porém um pouco mais lento, devido a uma desaceleração do crescimento encefálico”*. Por isso, a criança pega o livro e utiliza as ilustrações para contar a sua história. Isto é algo natural em todas as crianças pequenas em fase de alfabetização. Sendo assim, pode-se compreender a inexistência de criança *“normal”*, entendemos sim, que há crianças com deficiência e crianças sem deficiência, a questão do termo *“normalidade”*, vem carregada de estereótipos.

Essa questão foi dividida em duas partes. Na primeira, de múltipla escolha, o participante responderia se acredita ou não que o contato com a leitura auxilia na relação da criança com o mundo ao seu redor. Na segunda parte, o participante explicaria a sua resposta de forma dissertativa. Dois participantes



responderam somente a primeira parte, então aqui deve ser notado que os dados coletados na segunda parte desta questão foram desconsiderados e utilizaram-se apenas as respostas dos outros quatro participantes.

As respostas da primeira parte apresentaram que todos os responsáveis concordavam que a leitura auxiliava as crianças nas relações com o mundo ao seu redor. A Participante não soube explicar a sua resposta, mas, em suas palavras *“Sinto que a minha filha interage, tenta explicar, faz gestos, aplaude”* (P3). Neste caso foram observadas as mudanças cognitivas na criança em relação a como ela interage com a história e o mundo. Essa Participante respondeu com observações similares dizendo que: *“Ele consegue relacionar de forma clara e se fazer entender bem”* (P4). Outra Participante apontou que a leitura traz conhecimento para a vida da criança, e diz que: *“é bom para eles saberem que fazendo o bem sempre é melhor, o mal sempre perde. Aprende também a amar e respeitar o próximo e ajudar as pessoas da melhor forma possível e ser educado”* (P6). Por fim, outra relata o que a leitura traz para o cotidiano da criança, dizendo: *“Utilizo um cartaz com figuras das rotinas e deveres, no cartaz está o nome dele, os dias da semana, com rotina. Ex. Hora da tarefa”* (P5).

Essas respostas demonstram que as quatro mães que responderam à questão por completo acreditam no auxílio da leitura para o relacionamento com o mundo ao seu redor, e observam isto diariamente. Tentam utilizar esta compreensão para reforçar os ensinamentos aprendidos e aprimorá-los. Neste momento, juntaram-se os principais pontos que esta pesquisa busca elucidar.

Outro questionamento foi se o responsável acredita que o contato da criança com a leitura o auxiliava na compreensão da vida cotidiana e, em caso de resposta afirmativa, explicar, com suas palavras, como isso é se dá. Os resultados enfatizam a importância da leitura em relação à compreensão da vida cotidiana pela criança. Entretanto, há uma certa divergência quando explicam suas respostas: 4 participantes destacam a importância da leitura para compreender o mundo; 2 falaram sobre como a

leitura é uma forma de ensinamento. As respostas estão expressas na Tabela 1.



Tabela 1 – Relação da criança com a leitura e o mundo

Participante	Como a leitura o auxilia na compreensão da vida cotidiana
P1	Ajuda a compreender melhor as coisas da vida.
P2	Ela segue o que ela lê.
P3	Com a leitura você entra em várias realidades! Vive diferentes experiências, as compara com as suas, com as que já viveu ou vai e quer viver.
P4	Observamos no dia-a-dia algumas falas, ações que fazem referência ao que lemos juntos.
P5	Auxilia muito, através da leitura descobre-se como sujeito nas práticas diárias.
P6	Em ser educado e gentil e respeitar as pessoas

Fonte: Elaborada pelas autoras, com base nos dados da pesquisa (2019).

425

As respostas obtidas nas duas últimas questões apresentadas aqui demonstram que as responsáveis, de algum modo, acreditam na leitura como uma ferramenta importante para o desenvolvimento intelectual da criança, e na sua convivência com o mundo ao redor. Portanto, como foi visto nas respostas anteriores, mesmo as participantes tendo esta consciência, algumas, por razões diversas, não realizam o estímulo necessário para que o hábito da leitura encante e esteja presente na vida da criança. Talvez não considerem ou tenham a dimensão de que a leitura possa ser de interesse da criança, mesmo aquelas que apresentam alguma dificuldade extrema.

Outro fator que pode estar relacionado a não realização do estímulo para a leitura é a condição socioeconômica das famílias participantes, sendo que, 4 pertencem à classe D – de 1 a 3 salários mínimos – e 2 a classe B – com renda de 5 a 15 salários mínimos. Com relação a formação acadêmica 4 possuem Ensino Superior completo e 2 Ensino Médio completo. Faria (2009, p. 15) adverte que “Algumas famílias de nível sócioeconômico baixo lêem menos para seus filhos [...] no meio sócioeconômico e cultural médio/alto as pessoas [...] lêem mais histórias às crianças comparativamente às crianças do meio sócioeconômico e cultural baixo”. A autora salienta ainda que

as atividades de leitura nas classes sociais mais altas está “mais enraizada, comparativamente com o meio sócio-económico e cultural baixo, onde não há uma tradição ao nível dos hábitos de leitura”.



Os participantes desta pesquisa que se inserem na classe D, 2 possuem Ensino Médio e 2 Ensino Superior, 3 incentivam a leitura, e somente 1 não tem o hábito de ler e interagir com essa criança por meio da leitura. As duas participantes inseridas na classe B possuem Ensino Superior, desenvolvem as práticas de leitura com seus filhos/filhas, e interagem com as crianças por meio da leitura de livros. Percebe-se que, essa hipótese da questão socioeconômica é descartada nesta pesquisa.

Entre os responsáveis que estimulam a leitura e/ou realizam um momento de leitura, foi possível constatar que os pequenos leitores possuem um carinho especial pela leitura e seu desenvolvimento cognitivo evoluiu com o auxílio dos estímulos e da ajuda de profissionais, conforme relatos desses familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

426

A pesquisa surgiu perante um questionamento das autoras sobre o processo de leitura de crianças com síndrome de Down, e como isso ajuda no entendimento dessas crianças sobre o mundo ao seu redor. Colocaram-se em perspectiva as diferentes formas de leitura praticadas, já que há poucos estudos relacionados à leitura de criança com SD. Ao realizar esta pesquisa teve por intenção responder a seguinte problemática: qual a participação da família ou responsáveis por essas crianças na formação delas como leitoras?

Os dados revelam que o processo de leitura de crianças com síndrome de Down ocorre de uma forma mais lúdica e imaginativa. A criança pega o livro e conta a história independentemente do que está escrito no livro, já que tudo está na sua imaginação a partir das ilustrações – ou seja, sua leitura parte do seu entendimento das imagens. Além disso, constatou-se que a leitura é adquirida pela criança por meio de estímulos das pessoas que convivem e/ou fazem parte do processo de ensinamento – mães, pais

ou professores/ras.



Foi possível compreender que família e escola são potenciais no incentivo ao processo de aquisição da leitura, porém percebe-se que o atendimento clínico de especialista da área da linguagem, psicologia e educação possui relevância na aquisição da oralidade, tais como, fonoaudióloga e psicopedagoga.

Como foi visto, alguns responsáveis não estão sensibilizados para o fato de que a criança poderia ler a história apresentada no livro, entretanto essa leitura é realizada pelo ponto de vista da sua própria compreensão, das ilustrações e letras que se encontram expresso no suporte de leitura. Destacam-se aqui os livros de imagens, que contém apenas ilustrações, demandam a criação de uma história que será elaborada por meio da compreensão de mundo que a criança possui. Isto posto, pode se dizer que a criança com SD se constitui leitora a partir do seu entendimento, e da capacidade criativa de imaginar um enredo para determinadas imagens expressas nas páginas do livro.

Conclui-se que a leitura afeta de forma positiva a vida das crianças com SD e sua interação com o mundo ao seu redor. O apoio dos/das responsáveis desde o nascimento é imprescindível para o melhor entendimento. Esse trabalho deve ser realizado por muitas mãos, ou seja, em conjunto com outras profissionais que auxiliam nesse processo por meio de terapias. A família é a mola propulsora para que essa criança avance cada vez mais. É no seio familiar que a criança com SD se sente segura para se expressar e livre para criar e imaginar as suas histórias, até chegar o momento que conseguirá ler o livro impresso e ter raciocínio reflexivo. Por isso é necessário investir em mais pesquisas sobre esse público e as técnicas que podem ser aplicadas para o desenvolvimento cada vez mais fluído da leitura

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Inclusão é tema do Dia Mundial da Síndrome de Down.** Brasília: EBC, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-03/inclusao-e-tema-do-dia-mundial-da-sindrome-de-down>. 9 jun. 2023.

BALÇA, Â.; AZEVEDO, F. Leitura em família. *In*: DEBUS, E.; AZEVEDO, F.; SPENGLER, M. L. P. **Práticas de formação leitora.** Braga (Portugal): Centro de Investigação em Estudos da

LEITURA NO COTIDIANO DA CRIANÇA COM SÍNDROME...
Afluente, UFMA/CCEL, v.8, n.23,
p. 405-429, jun/dez de 2023
ISSN 2525-3441



Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2021. 162 p. (Coleção Plano Local de Leitura, 1).

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Brasil no PIRLS 2021: Sumário Executivo. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pirls/resultados>. Acesso em 15 maio 2023.

BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**: Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010. P 1-35. Disponível em http://www.fals.com.br/revela/revela027/edicoesanteriores/ed8/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em 20 de maio de 2023.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre/RS: Penso, 2010, p. 296

DALLA-DÉA, V. H. S.; DUARTE, E. (org.). **Síndrome de Down**: informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte, 2009. 336 p.

FARIA, K. R. **Biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem da/o estudante com Síndrome de Down**. 2017. 102 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/13265>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FARIA, R. A. N. O. **A influência do meio sócio-econômico e cultural na aprendizagem da leitura e da escrita**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal, 2009. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/handle/11328/175>. Acesso em: 13 jun. 2023.

FEISTAUER, C. M. **O letramento na síndrome de down**: o papel da família e da escola. 2014. 127 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/6959#preview>. Acesso em: 27 nov. 2018

GARCÊZ, É. S. A formação de leitores. **Só Pedagogia**, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/formacaoleitores/>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010. 264 p.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (ed.). **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisaretratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>. Acesso em: 27 nov. 2018.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (ed.). **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 23 maio 2023.



KOTLINSKI, J.; KOTLINSKI, S. Teaching reading to develop language. **Down Syndrome News and Update**, U.S., v. 2, n. 1, p. 5-6, 2002. Disponível em: <https://library.down-syndrome.org/en-us/news-update/02/1/teaching-reading-develop-language/>. Acesso em: 14 jul 2019.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009. 374 p.

LOURENÇO, D. S. M. **Prática de ensino supervisionada e práticas de leitura em família**. 2022. Relatório final de Estágio (Mestrado Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) - Escola Superior de Educação Viseu, Viseu, Portugal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/7387>. Acesso em: 20 maio 2023.

OLIVEIRA, M. A. **A Literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje**: caminhos de ensino. 2007. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHLEICHER, A. **PISA 2018: insights and Interpretations 2018**. Paris: OECD Publishing. Disponível em <https://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2023.

429

SILVA, M. B.; BERNARDINO, M. C. R.; NOGUEIRA, C. R. Políticas públicas para a leitura no Brasil: implicação sobre a leitura infantil. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.6, n.3, p. 20-46, 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/6437>. Acesso em: 12 jul 2019.

SOUZA, L. A. **As práticas de leitura de pessoas com síndrome de Down**: implicações para a constituição do leitor. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Blumenau, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186592/PLLG0707-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 maio 2023.

VALDEZ, D. **História da infância em Goiás**: séculos XVIII e XIX. 1. ed. Goiânia: Alternativa, 2003. 65 p.

ZILBERMAN, R. Leitura para a infância no século XIX brasileiro. **FronteiraZ**, São Paulo, n. 17, p. 22-42, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/2941>. Acesso em: 20 maio 2023.

Recebido em 14 de julho de 2023.

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.